

REPRESENTAÇÕES DO MACHISMO EM CHARGES: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Maria Eduarda Torres de Andrade¹

Silvio Nunes da Silva Júnior²

Jaqueline Pedro da Silva³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar as representações do machismo em charges contemporâneas de Chico Caruso e Nani, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD). Tem-se como base teórica os estudos que têm abordado a questão do machismo e a influência do patriarcado, bem como considerações sobre o gênero textual charge. Parte-se dos pressupostos teórico-metodológicos da ACD para observar as charges: *Aquilo Roxo, 2019 (final)*, *Madame Clinton* e *Entreouvido no Deserto*, de Chico Caruso; e *Programa, A Profissão Mais Antiga do Mundo* e *As Tetos da Nação*, de Nani. A pesquisa evidencia a presença dos conteúdos ideológicos compostos por elementos que enfatizam o machismo, predominando o poder do homem e o preconceito relacionado às diferenças nas estruturas biológicas de mulheres e homens, como também a dominação do público masculino sobre o feminino. Além disso, percebe-se a imposição de papéis que as mulheres devem exercer na sociedade, enfatizando a inferioridade, retratando o público feminino como objeto sexual e, ainda, impondo o padrão estético do corpo feminino.

Palavras-chave: Machismo. Charges. Análise Crítica do Discurso.

REPRESENTATIONS OF MALE CHAUVINISM IN CHARGES: A CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT: The present work aims to investigate the representations of male chauvinism in contemporary cartoons by Chico Caruso and Nani, through Critical Discourse Analysis (CDA). The theoretical basis is studies that have addressed the issue of machismo and the influence of patriarchalism, as well as considerations on the textual cartoon genre. We start from the theoretical-methodological assumptions of ACD to observe the cartoons: *Aquilo Roxo, 2019 (final)*, *Madame Clinton* and *Entreouvido no Deserto*, by Chico Caruso; and *Program, The Oldest Profession in the World* and *The Teats of the Nation*, by Nani. The research highlights

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE/campus Garanhuns). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8059-1915>. E-mail: eduarda.torres@upe.br

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor Adjunto da Graduação e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade de Pernambuco (UPE/campus Garanhuns). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X>. E-mail: silvio.nunesj@upe.br

³ Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE/campus Garanhuns). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6568-0168>. E-mail: jaquelinepedro0905@gmail.com

the presence of ideological content composed of elements that emphasize male chauvinism, predominating the power of men and prejudice related to differences in the biological structures of women and men, as well as the domination of the male public over the female public. Furthermore, we can see the imposition of roles that women must play in society, emphasizing inferiority, portraying the female public as sexual objects and, furthermore, imposing the aesthetic standards of the female body.

Keywords: Male Chauvinism. Charges. Critical Discourse Analysis.

Considerações iniciais

O machismo sempre esteve presente na história da humanidade, sendo observado desde o aparecimento das primeiras civilizações, e sempre tentou justificar o preconceito no tratamento *diferenciado* atribuído às mulheres. No contexto hodierno, essa conduta perdura como comportamento comum e, por isso, ainda é bastante praticado no âmbito social. Diante disso, o machismo é reproduzido diariamente pela mídia, estando inserido em diversos veículos de comunicação, a exemplo de jornais, blogs e, até mesmo, em charges brasileiras, podendo ser manifestado tanto de maneira implícita como de forma explícita, como mostram os estudos de Furyama et. al. (2023) e Miranda, Lereto e Souza (2022).

Ademais, existem variadas formas de se observar os discursos e em que medida eles implicam os contextos sociais. Dentre as possibilidades de observação, pode-se citar a Análise Crítica do Discurso (ACD), um campo de estudo da Linguística que possibilita a construção de uma visão crítica acerca de acontecimentos do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a ACD é capaz de problematizar os discursos, nos quais observa-se a presença de determinados valores e aspectos ideológicos. Portanto, a identificação dessas ideologias pode, de alguma maneira, contribuir para a diminuição de preconceitos, como é o caso do machismo, ainda presente nas práticas sociais, e tem como finalidade instituir um padrão em que a mulher fica em situação de desvantagem em relação ao homem, levando-se em consideração os mais variados ambientes sociais.

À vista disso, vê-se a necessidade de não só realizar questionamentos e discussões sobre a problemática abordada, como também de haver mudanças efetivas nas estruturas, nos valores e nas perspectivas que servem como suporte para a formação da sociedade atual (Venturi; Godinho, 2013). Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar as representações do machismo em charges contemporâneas de Chico Caruso e Nani, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD). Os objetivos específicos são: descrever as características

do machismo nas charges, identificar aspectos do gênero charge e observar as implicações da disseminação dessa conduta preconceituosa na mídia. A partir dos objetivos elencados, a estrutura do artigo se subdivide em seções, como: considerações iniciais, conceitos sobre machismo, o gênero textual charge, os pressupostos metodológicos, a representação do machismo em charges e as considerações finais.

Conceitos sobre o machismo

É válido ressaltar que há indícios de práticas machistas desde os primórdios da humanidade, ou seja, essa conduta está enraizada no contexto histórico-cultural a partir da pré-história e permanece sendo disseminada nos dias atuais. Nesse processo, a origem desse conceito se encontra na tradicional relação de poder que o homem exerce sob a mulher, levando-se em consideração a dominação masculina e a posterior submissão feminina. A esse respeito, cita-se as influências religiosas como um fator que sustenta a ideia de dominação do homem, com base no princípio de que Deus criou a mulher a partir da costela do homem, e com características biológicas distintas, que remontam à força do homem e a maternidade da mulher, respectivamente – processo que, na antiguidade, era tomado como a tarefa principal de uma mulher. Acerca disso, Lerner (2019) traz a justificativa dos tradicionalistas a respeito da reprodutividade feminina.

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como meta na vida das mulheres, definindo, assim, como desviantes mulheres que não se tornam mães. Considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda vida adulta a ter e criar filhos. Assim, vê-se a divisão sexual do trabalho com base em diferenças biológicas como justa e funcional (Lerner, 2019, p. 43).

À vista do excerto exposto, a explicação tradicionalista acerca da reprodutividade feminina provém da assimetria sexual, partindo do embasamento de que homens e mulheres são biologicamente distintos, o que tenta justificar os tratamentos diferenciados que os homens têm com as mulheres. Nesse âmbito, parte-se do fundamento de que os rapazes são mais fortes e valentes em relação às moças, as quais apresentam traços mais delicados e frágeis. Por isso, os primeiros não só conseguem lutar com mais facilidade, como também possuem habilidades específicas para caçar animais. Esse fato atribuiu prestígio ao homem, ao longo da história,

colocando-o em uma posição superior à ocupada pela figura feminina. As moças, por outro lado, por serem mais delicadas e apresentarem a capacidade de gerar filhos, são colocadas em desvantagem ao homem, mesmo realizando as mesmas atividades que ele. Portanto, as mulheres são socialmente influenciadas a serem submissas e a se contentar com essa falsa ideia de divisão justa de tarefas, deixando à cargo das mulheres o foco na maternidade, nos afazeres domésticos e no árduo trabalho desenvolvido na agricultura familiar.

Em concordância com Lerner (2019), a explicação determinista do ponto de vista biológico iniciou-se na Idade da Pedra e estende-se até o presente momento, a partir da divisão desigual de trabalho, com base na posição de superioridade ocupada pelo homem ao longo do contexto histórico-cultural. Esse aspecto citado contribui para a permanência do machismo na sociedade hodierna. Ademais, no século XIX, as Teorias Darwinistas ganharam força e, nesse sentido, intensificaram o processo de desigualdade sexual. Diante dessa visão, os cientistas que defendiam o patriarcalismo explicavam que as mulheres, por exercerem a maternidade e terem seus fatores biológicos mais frágeis que os homens, eram excluídas de oportunidades econômicas e educacionais, como se os fundamentos citados fossem algo de extrema importância para a sobrevivência da humanidade.

Dessa forma, é válido frisar que as características biológicas das mulheres eram vistas como desvantajosas em comparação com as particularidades dos homens, sendo elas consideradas como pessoas doentes e vistas como incapazes de estudar e de estarem inseridas no mercado de trabalho. Por isso, essas funções sociais eram exclusivas do gênero masculino (Lerner, 2019). A esse respeito, Lerner (2019) desenvolveu estudos acerca da criação do patriarcado, destacando que a “menstruação, menopausa e até a gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitam as mulheres e as tornam de fatos inferiores” (Lerner, 2019, p. 45). Ademais, no que se refere às diferenças de gênero, sob o viés da Psicologia, a historiadora Lerner (2019) defende que

As teorias de Sigmund Freud reforçaram ainda mais a explicação tradicionalista. O humano normal de Freud era macho; a fêmea era, de acordo com sua definição, um ser humano desviante sem pênis, cuja completa estrutura psicológica concentrava-se, segundo supunha, no esforço em compensar essa deficiência. Apesar de muitos aspectos da teoria freudiana se provarem úteis na construção da teoria feminista, foi a máxima de Freud de que, para mulheres, “anatomia é destino” que deu nova vida e força ao argumento de supremacia (Lerner, 2019, p. 45).

À face do exposto pela autora, é possível salientar que as teorias freudianas influenciaram os argumentos acerca da segregação de papéis na sociedade, reforçando, ainda mais, a limitação das mulheres à maternidade, ao cuidado com os filhos e na realização de tarefas domésticas. Esse embasamento é explicado a partir do destino do sujeito, que depende de aspectos anatômicos, assim como é defendido por Freud. Diante das justificativas sobreditas, esses hábitos excludentes foram sendo reproduzidos repetitivamente nos mais variados âmbitos, como na educação, sendo diariamente veiculados em diversos meios de comunicação, a exemplo da internet.

No Brasil, no período da Belle Époque, por volta do final do século XIX até o século XX, foram descritas com mais recorrência as atitudes de violências contra as mulheres, principalmente das mulheres pobres que viviam como escravas do machismo, isto é, pelos aspectos já antes mencionados das razões biológicas e psicológicas. Acerca disso, Soibet (2004, p. 363) infere que:

As imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em posição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse dela uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento.

Além do mais, o machismo pregava que o adultério só deveria ser proibido para as mulheres. Dessa forma, os homens não eram atingidos por nenhuma consequência advinda dessas práticas, já que a figura masculina era livre para ter casos extraconjugais com outras mulheres. Por sua vez, para ser uma mulher dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, ela teria que preservar a castidade e, principalmente após se casar, preservar a sua fidelidade até seus últimos dias. Esse fato era defendido pelo Código Civil de 1916, no qual o judaísmo se apoiava em textos bíblicos com a finalidade de proibir as mulheres de trair, ou, se casassem sem ser virgens, seriam levadas para a entrada da casa do próprio pai, para serem apedrejadas até a morte (Chagas; Chagas, 2012).

Por seu turno, existiam as mulheres que não se submetiam aos homens, as quais eram vistas como pessoas perigosas, já que elas possuíam bastante facilidade para resolver impasses cotidianos, sendo consideradas inteligentes e com uma sensualidade mais aguçada quando

comparadas às mulheres que apresentavam comportamentos comuns. Por apresentarem características peculiares, essas mulheres eram excluídas da possibilidade de construir uma família tradicional, bem como eram taxadas de infiéis e prostitutas, sofrendo processos na justiça por cometer adultérios. Muitas vezes, elas eram assassinadas, em decorrência dos comportamentos citados, os quais eram reprovados pela população em geral.

Além disso, é pertinente afirmar que a ideologia machista reflete atos de preconceitos e de dominação por parte dos homens em direção às mulheres, deixando, em muitas situações, o público feminino constrangido com alguns discursos desagradáveis, que acarretam o sentimento de inferioridade. A respeito disso, Couto e Schraiber (2013, p. 54) afirmam que “o machismo é aqui tomado como um sistema de ideias e valores que institui, reforça e legitima a dominação do homem sobre a mulher”. Dessa forma, o homem exerce sua superioridade, muitas vezes, por meio da violência verbal, situada em diálogos de menosprezo e exclusão. Diante dessa visão, pode-se citar o estupro como um ato visivelmente cruel e que, desde as primeiras civilizações, era utilizado como um artifício para manter a submissão das mulheres. A virgindade sempre foi um aspecto ligado à honra da mulher. Ao perderem a virgindade antes do casamento e, posteriormente, engravidarem, as mulheres se sujeitavam a todos os tipos de situações, sempre visando a proteção de si mesmas e dos próprios filhos. Por isso, eram violentadas de todas as formas possíveis, citando-se as situações de estupro.

Conforme Stevens (1989, p. 90 *apud* Gutmann, 2013), o machismo seria definido como “o culto à virilidade caracterizado pela agressividade exagerada e intransigência nos relacionamentos interpessoais entre homens e arrogância e agressividade sexual nos relacionamentos entre homens e mulheres”. Ampliando essa visão, o Instituto Avon/Locomotiva (2016, p. 4), discorre que o machismo compreende uma

cultura enraizada na sociedade, que reconhecidamente é a sustentação do comportamento violento contra a mulher [...]. A agressão física é apenas a Mais evidente das violências. Bem menos notórias, mas igualmente nocivas e destruidoras, são as atitudes e comportamentos cotidianos que deixam clara A desigualdade de gênero e o desrespeito em relação às mulheres, justamente por ainda hoje persistir a ideia geral de que existe um sexo com poder sobre O outro. O machismo alimenta a desigualdade e perpetua a violência contra a Mulher.

Na época atual, a manutenção da supremacia masculina ocorre em decorrência de justificativas já cristalizadas na sociedade, em especial no Brasil – país com elevados índices de atitudes indesejáveis e violentas, considerado como uma das nações que mais matam

mulheres no mundo. Inclusive, é pertinente afirmar que a união brasileira demorou para reconhecer os direitos das mulheres, apesar de ter ocorrido alguns avanços ao longo do tempo, como o direito ao voto, a participação da mulher na política e a Lei Maria da Penha. Por outro lado, no que se refere ao agravamento de episódios de violência contra a mulher, Mota (2016, p. 4) explica que “apesar de avanços importantes, as pautas ainda seguem as mesmas, porque a estrutura permanece inalterada. Não houve mudanças significativas e mais ainda no que se refere à condição das mulheres negras”. Apesar da criação de diversas leis acerca da problemática em discussão, é necessário que elas sejam executadas, a fim de garantir os direitos das mulheres. Por isso, as leis precisam sair do papel a partir da criação e execução de projetos ligados a causas sociais, principalmente no que diz respeito à equidade de gênero.

No cotidiano, existem diversas ocorrências de atitudes machistas, mas que passam, muitas vezes, despercebidas, já que são vistas como algo comum e bastante corriqueiro. Assim, esses atos não são inicialmente tomados como ações preconceituosas, principalmente quando são praticadas pelos homens. Esse embasamento, segundo Tenório (2019, p. 7), “funda-se em relações sociais estruturais de opressão-exploração-dominação que organizam a sociedade”. Desse modo, os sujeitos são expostos, desde crianças, a essas atitudes e, por isso, aprendem a reproduzi-las sem, muitas vezes, ter noção da gravidade da situação.

Em território nacional, a ideologia machista é reproduzida em grande escala, porém as práticas preconceituosas não são reconhecidas como tal pelos sujeitos sociais. Acerca disso, Tenório (2019, p. 10) explica que “ninguém gosta de ouvir que é machista ou que teve uma atitude machista. Por diversas vezes, tal apontamento é tratado como um exagero: *mimimi de feministas sem humor* ou *mal-amadas*”. Ou seja, o feminismo é distorcido pelos machistas e propagado como se fosse algo às avessas do machismo, inclusive nos seus interesses, do qual tenta reproduzir que ele tem o intuito de obter um poder maior das mulheres sobre os homens, sendo que essa corrente tem como objetivo conseguir que prevaleça os direitos iguais para ambos os sexos. A mesma autora destaca que

o feminismo é fundamental, inclusive para os homens que, apesar dos privilégios que possuem com o patriarcado, também reproduzem comportamentos moldados e considerados socialmente aceitáveis, ou seja, a masculinidade construída pelo sistema patriarcal também limita sua existência e, por vezes, os desumaniza (Tenório, 2019, p. 16).

À vista do exposto, a sociedade brasileira possui uma estrutura patriarcal, transmitindo valores que objetivam ensinar que os homens devem ser másculos, menos emotivos e mais

agressivos, sendo supostamente capacitados para serem os chefes de famílias e de conter poder sobre o gênero feminino. Portanto, o machismo não afeta só as mulheres, mas, também, os homens, acarretando preconceito para os que não correspondem a esse padrão imposto de como o homem deve se comportar. Acerca disso, Simplício e Da Silva Júnior (2022) afirmam que “A masculinidade é evidenciada por uma imposição. Para a maioria das pessoas, um homem/menino precisa brincar de carrinho, gostar de futebol, falar grosso etc. Caso isso não seja visto na pessoa, já é iniciado um preconceito exacerbado contra ela” (Simplício; Da Silva Júnior, 2022, p. 28). Por isso, o machismo prejudica não só as mulheres, como também o público masculino que se distancia do padrão de homem projetado pela sociedade.

Em contrapartida, impõe-se a obediência feminina aos homens, em uma relação semelhante a de um patrão e a de uma serva, cenário comum e visto em tempos mais remotos, como, por exemplo, na Idade Média. Assim, é comum a presença de discursos que padronizam os modos como homens e mulheres devem se comportar perante o meio social, incluindo as punições sociais advindas de comportamentos diferentes do que é esperado pelo sujeito. A segregação sexual é bastante evidente em vários aspectos, como no padrão de roupa estabelecido para ambos os sexos. Um exemplo disso é a utilização de roupas de tonalidades associadas ao homem, como o azul, ao passo que a mulher é ensinada a usar roupas que lembrem a feminilidade e delicadeza, a exemplo do rosa. Dessa forma, a situação é ainda mais agravante em caso de o homem utilizar uma camiseta de cor rosa: ele passa a ser inserido em uma posição inferior, pois prontamente é taxado como menos másculo, e, portanto, não é aceito pela sociedade. De acordo com Tenório (2019), essas analogias de o azul ser uma cor exclusiva do público masculino, enquanto que o rosa é pertencente à figura feminina são construídas historicamente e permanecem nos dias atuais.

Diante das considerações acima, pode-se frisar que os discursos machistas são propagados nos mais variados meios de comunicação, como, por exemplo, na internet e na televisão. Como exemplos de manifestações machistas, é possível citar as seguintes expressões: “Isso é coisa de mulherzinha”; “Já sabe cozinhar? Então já pode se casar”; “Essa profissão não é para mulher”. Todas essas falas reforçam o preconceito ao qual meninas e mulheres são acometidas diariamente, o que é, ainda, somado com discursos vinculados ao corpo feminino ser visto como objeto sexual. Acerca disso, Tenório (2019, p. 14) retrata que “assédios são constrangimentos, importunamente é exposição a situações vexatórias, geralmente com a característica de constância e repetição. As mulheres percebem como tais atitudes são constantes nos espaços públicos”. Diante disso, cita-se que a mulher, ao usar uma roupa curta,

não necessariamente está se esforçando para se exibir para um homem, nem tampouco está pedindo para ser estuprada, como muitos agressores proferem. Assim, é perceptível o quanto que o machismo existe ainda e que a desconstrução desses discursos é de suma importância.

Ainda sobre os discursos machistas expressados no dia a dia pelos homens ao se referirem às mulheres, Tenório (2019, p. 8) destaca a presença de mais alguns deles:

O machismo deles de cada dia pode se apresentar de muitas formas: sob aparência de piadas, com a “falsa capa” de romantismo, preocupação e proteção, ou “apenas” uma atitude grosseira. Qual mulher não ouviu: “Você está exagerando!”, “Não podemos mais brincar, esse mundo está chato”, “Eu só sugeri isso porque quero te proteger”, “Você está louca”, “Você é muito sensível” ou em algum processo seletivo: “Você não vai engravidar, né?”, dentre outras frases comuns.

Por intermédio das afirmações de Tenório (2019), pode-se dizer que existe a falsa romantização de inúmeros discursos, a partir da camuflagem de argumentos grosseiros que são dirigidos às mulheres, como, por exemplo, quando o homem não quer que a mulher trabalhe e/ou estude fora de casa, utiliza-se de falsos discursos de amor e proteção, argumentando que, por amá-la, age assim porque tem o intuito de protegê-la de todo o perigo que na rua possa existir. No entanto, percebe-se que, ao agir dessa forma, o homem deseja que a mulher seja dependente financeiramente dele, obrigando-a a desempenhar funções domésticas, sexuais e reprodutivas (Tenório, 2019). Esse quadro se agrava com a descoberta de episódios de traição, nos quais as mulheres são taxadas como loucas. Muitas vezes, no entanto, elas não podem sair da relação abusiva por não terem condições financeiras e psicológicas suficientes para se manter fora do relacionamento, principalmente quando ainda têm filhos pequenos.

Com base na discussão em vigor, e considerando casos de adultério, cita-se a manipulação como um artifício usado pelo homem para explicar que ele agiu assim em decorrência do comportamento da própria esposa. Assim sendo, a culpa pelo erro cometido é transferida para a vítima, a qual, muitas vezes, se sente como a culpada da história e, por isso, tem medo de perdê-lo. Essa prática se configura como abuso emocional, ocasionando a manipulação. Para Abramson (2014, p. 2), o *gaslighting* é, grosso modo, “uma forma de manipulação emocional, que o agressor tenta – de forma consciente ou inconsciente – induzir no outro a sensação de que suas reações e crenças não estão apenas erradas, mas também sem fundamento”. Dessa forma, afirma-se que essa prática é apenas uma das diversas formas de propagação do machismo no âmbito social.

O gênero charge

A charge é um gênero textual veiculado em jornais, blogs e revistas, utilizando a linguagem verbal e não verbal, de modo a fazer uma articulação entre texto escrito e imagens. Ela tem como objetivo expressar uma opinião crítica a respeito de situações que acontecem no nosso cotidiano, ao fazer uso da sátira. De acordo com Mouco e Gregório (2007), a charge é uma “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida pelo público, segundo a percepção do desenhista. Apresentando-se tanto através de imagem quanto combinando imagem e texto” (Mouco; Gregório, 2007, p. 5). Convém salientar que, por fazer críticas a situações corriqueiras, além de ser veiculado nos principais meios de comunicação, esse gênero está bastante presente no dia a dia.

Ademais, a palavra charge tem origem no francês *charger*, que tem o sentido de carga, carregar, mas na percepção do exagero presente na crítica. A fim de complementar essa visão, o dicionário Houaiss caracteriza esse gênero como desenho humorístico, sem a obrigatoriedade de conter legenda ou balão. Inclusive, ele é transmitido pela imprensa e tem como temática algum episódio contemporâneo que contém crítica e focaliza, através da caricatura, uma ou mais personagens envolvidas (Houaiss, 2004). É por meio desse gênero que o leitor consegue entender, em tempo real e de maneira instantânea, as recentes problemáticas inseridas no meio social, tendo a oportunidade de opinar sobre situações presentes no contexto vigente.

Além disso, é possível citar que é chamado de chargista o profissional que realiza os desenhos das charges. Nessa perspectiva, ele precisa estar bem informado a fim de passar as notícias de maneira objetiva e em apenas poucos quadros para os telespectadores. Outra especificidade desse gênero é a pertinência que ele possui diante da propagação e da estimulação do senso crítico dos leitores, proporcionando à população um diálogo direto com os acontecimentos sociais.

Romualdo (2000) afirma o seguinte no tocante ao gênero em discussão:

A charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida nem decifrada se o leitor não possuir informações necessárias para interpretá-la. A charge é um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal (Romualdo, 2000, p. 21).

A fim de ampliar a discussão em vigor, afirma-se que a charge surgiu na França como uma forma de protestar pelos direitos negados à liberdade de expressão, isto é, esse gênero foi usado como um artifício devido à proibição de se veicular opiniões e fatos corriqueiros que aconteciam no país. Já no Brasil, a charge só chegou a ser veiculada a partir do século XIX. Acerca dessa afirmação, Alvares e Franco (2016) defendem que, no país, a primeira charge foi publicada em 1837, por Manuel José de Araújo Porto-Alegre, um pintor e caricaturista que também exercia cargos de prestígio na política, e que intitulou sua obra de *A campanha e o Cujo*, na qual retrata as disputas políticas do Período Regencial. Esse marco foi relevante para a posterior propagação de notícias.

Sobre os suportes de propagação, Alvares e Franco (2016, p. 291) declaram que

As charges têm como suporte o jornal e, conseqüentemente, um determinado tipo de leitor, porém, ela também se encontra muito presente na internet, tanto em sites de informações quanto de entretenimento. Essa alteração de suporte também gerou a alteração do público, atingindo mais efetivamente o universo virtual de leitores, comumente protagonizado por adolescentes e jovens.

Enquanto texto de circulação social, para Magalhães (2006), a charge está atrelada à necessidade de o homem produzir críticas à sociedade em que se encontra inserido, principalmente no que se refere ao sistema sócio-político e à elite, grupo hierárquico que detém o poder político e/ou econômico. Diante desse viés, esse gênero “é uma forma encontrada pelos chargistas para provocar a conscientização, pois informa, diverte, denuncia e crítica. Por isso, pode ser um recurso discursivo e ideológico capaz de fazer com que o leitor reflita sobre atos cotidianos e se torne mais consciente” (Chagas; Chagas, 2012, p. 27). Nesse sentido, observa-se a pertinência da charge não só para a propagação da notícia, mas também para a construção crítica das ideologias difundidas na sociedade.

É diante dessa perspectiva que o gênero sobredito está aliado ao desenvolvimento do senso crítico de sujeitos leitores, visto que contribui para a desconstrução de ideologias de caráter violento e desonesto diante de grupos marginalizados, como, por exemplo, o machismo, preconceito que atinge a população feminina e inferioriza a mulher em ambientes sociais. Em contrapartida, ao ser utilizado como um meio de propagação de atitudes machistas, a charge pode ocasionar o efeito oposto, no sentido de contribuir para a veiculação de comportamentos preconceituosos. Por isso, é perceptível que esse gênero pode ser utilizado para a defesa de pontos de vista distintos, cabendo ao autor a responsabilidade pelo conteúdo difundido.

Nessa direção, pode-se observar diversos pontos de vista sobre as representações do machismo em charges, na seção de análise do trabalho. Antes dela, traz-se os pressupostos metodológicos deste projeto.

Percursos Metodológicos

Este trabalho busca investigar as representações do machismo patriarcal nas charges, com base na Análise Crítica do Discurso (ACD). Diante disso, é necessário fazer uma reflexão acerca dos pressupostos dessa perspectiva diante dos estudos da linguagem. A ACD se consolidou na década de 1990, porém, antes disso, já existiam estudos preliminares sobre essa vertente. Segundo Pedrosa (2005, p. 36), “um marco para o estabelecimento dessa nova corrente na Linguística foi a publicação da revista de Van Dijk, *Discourse and Society*, em 1990”. Entretanto, é importante acrescentar a relevância de publicações anteriores, como os livros: *Language and power*, de Norman Fairclough, publicados em 1989. Assim sendo, Fairclough é considerado como um dos principais estudiosos dessa vertente.

De acordo com Batista Jr, Sato e Melo (2018), a ACD está inserida na construção do mundo, à medida que discute a respeito de distorções sociais. Com base nisso, o tema abordado nesta pesquisa volta-se a uma camada social inferiorizada pela desigualdade de gênero, que tem início desde as primeiras civilizações e foi passado de geração em geração. Atualmente, essas atitudes preconceituosas são disseminadas com maior intensidade pelos veículos de comunicação, sendo a ACD essencial para uma percepção mais reflexiva e a desconstrução dessas atitudes preconceituosas pelos telespectadores.

A esse respeito, Dos Santos *et al.* (2015, p. 56) afirmam que

A ACD é uma abordagem teórico-metodológica que vê o discurso como uma prática social, através da qual as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros. Nesse sentido, existe na ACD uma preocupação em descobrir, revelar e divulgar aquilo que está implícito, rejeitando a “naturalização” dos processos sociais, permitindo que as ideologias subjacentes ao discurso, bem como relações de dominação instituídas por elas, sejam reveladas.

Coadunando com Dos Santos *et al.* (2015, p 56), a ACD é um método de pesquisa que possibilita a análise de discursos do cotidiano, como é o caso das ideologias que estão implícitas e, muitas vezes, passam despercebidas nas charges. Assim, a ACD é uma grande aliada na observação de discursos retrógrados que prejudicam algumas classes sociais. Nesse sentido, a

proposta da ACD é desconstruir os significados implícitos que estão presentes nos textos e, com isso, expor elementos indiciais e reprodutores da organização social. Esses aspectos mencionados privilegiam certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou preservação de poderes (hegemonia) de grupos dominantes (Melo, 2011).

Diante do que foi mencionado até este momento, a pesquisa abrange como realidades discursivas as charges *Aquilo roxo, 2019 (final)*, *Madame Clinton* e *Entreouvido no Deserto*, de Chico Caruso, sendo publicadas, primeiramente, no seu site de origem: *Jornal o Globo*, e depois propagando-se em blogs. As outras charges, *Programa*, *A profissão mais antiga do mundo* e *As tetas da nação*, são de autoria de Ernani, mais conhecido por Nani, e foram publicadas por ele em seu *blog Nani Humor*. É válido ressaltar que as charges foram selecionadas por serem bastante conhecidas e disseminadas no meio digital e, por isso, exercem importância social e discursiva na interação entre os sujeitos. Nesse âmbito, são analisadas com base nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso, princípios discutidos anteriormente neste trabalho.

Representações do machismo em charges

As representações do machismo são múltiplas e, por estarem envolvidas nas práticas sociais que atravessam o mundo contemporâneo, elas são perceptíveis nas charges. Diante desse gênero, existem diversas ilustrações humorísticas que retratam o sujeito masculino como superior à mulher. A respeito disso, Tenório (2019) afirma que é possível identificar o machismo em situações presentes no cotidiano. Além disso, ele pode ser expresso tanto de maneira implícita, ou seja, quando não percebemos a sua presença, como também de forma explícita, quando ocorre uma determinada atitude machista, mas esta é encarada como algo comum e naturalizado pela sociedade.

Na figura um, é possível identificar a presença de uma ideologia machista na expressão discursiva *Aquilo roxo*, de Chico, já que há a expressão de masculinidade, isto é, a virilidade e a coragem dos homens na charge em vigor. Além do mais, é perceptível a presença da jogadora de futebol Marta, a qual está aos berros de frente para um batom de cor vermelha. Assim, há uma alusão à troca de cor do batom, que passou do roxo para o vermelho; defendendo a imagem de mulher mais frágil.

Figura 1 – Charge de Chico, aquilo roxo, 2019 (final)

Fonte: Disponível em: <https://aquiloroxo/KLZZt/> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Ademais, torna-se perceptível como a jogadora é exposta por ser mulher, alegando que ela não teve força, nem coragem suficiente para conduzir a vitória na partida, já que não obteve um desenvolvimento satisfatório igual o dos jogadores homens, desclassificando a seleção feminina de futebol da copa do mundo de 2019. Dessa forma, nota-se reflexões que levam à distinção biológica entre os sexos, na qual o público masculino tem mais força e agilidade no futebol que o feminino, defendendo que as mulheres são frágeis e seus corpos não contém estruturas que proporcionam um bom desempenho. Segundo Volpato, Damião e Miani (2018, p. 240), “o patriarcado conferiu significado à diferença entre os sexos de modo a construir histórica e socialmente a desigualdade entre eles, utilizando da biologia feminina para justificar sua sujeição ao masculino”. Além do mais, ao ser identificada a imposição da divisão de funções que os homens e as mulheres devem exercer na sociedade, fica claro o quanto o machismo patriarcal está inserido nessa charge, propagando a desigualdade e a dominação dos homens.

Na segunda charge, vê-se outras faces da mesma problemática.

Figura 2 – Charge de Chico

Fonte: Disponível em: <https://chargedeChico/uNBdZ/> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Na charge acima, percebe-se uma nítida representação machista, ao ser sugerido que as mulheres, mesmo em posições de liderança, como Dilma Rousseff e Madame Clinton, ainda estavam submetidas aos homens, ou seja, a Lula e Obama – quando Chico escreve “Madame Clinton, diga ao Bill para ele falar pro Obama que o Lula mandou dizer que o mundo agora é das mulheres”. Com isso, o discurso evidencia que as mulheres ainda estão submetidas aos poderes e às sugestões dos homens, como se elas fossem desqualificadas para exercer cargos ou se expressarem, tendo que haver sempre a validação de um homem para cada decisão ser acatada. Dessa maneira, vê-se a ideologia machista do patriarcado a partir da submissão das mulheres em relação ao poder exercido pelos homens. Acerca disso, Volpato, Damião e Miani (2018, p. 242) explicam que

É notável que as relações de dominação permeiam todas as instâncias da vida social. Elas se encontram entranhadas nas instituições sociais, que naturalizam os papéis socialmente construídos dos dois sexos e reproduzem a hierarquia proveniente dessa dominação em todos os âmbitos da ordem social.

Diante disso, percebe-se que a dominação masculina é bastante recorrente no cotidiano, sendo praticada nos mais variados lugares sociais, visto que essas práticas existem desde os tempos mais remotos e foram sendo repassadas de geração em geração. Essa questão foi naturalizada e reforça cada vez mais os privilégios que beneficiam os homens, isto é, direcionando o poder para eles. Com isso, as mulheres sempre buscam a validação masculina, saindo em desvantagem de situações como essa.

A problemática se estende para a charge a seguir.

Figura 3 – Charge de Chico



Fonte: Disponível em: <https://chargedechico.link/eHfIK> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Na terceira charge, por sua vez, Chico retrata novamente a então presidente Dilma ajoelhada, próximo de ser degolada por um extremista islâmico em pleno dia internacional da mulher, comemorado no dia oito de março de cada ano. Na linguagem verbal, ele a retrata tentando negociar a própria vida, ao ter dito “Também não é assim, vamos negociar”, o que tem relação com o seu processo de *impeachment*, que estava prestes a acontecer. Além disso, observa-se o quanto a charge apresenta elementos machistas, os quais estão explícitos tanto na linguagem verbal como na linguagem não verbal, ao ser expressa a tentativa da violência física, seguido do pedido dela de não ser morta pelo homem. De acordo com Narvaz e Koller (2006), ainda que não se possa reduzir o patriarcado à explicação de todas as formas de desigualdade e de opressão vivenciado pelo gênero feminino, a violência contra as mulheres tem ali seu nascedouro, assim como é defendido por correntes feministas. Em outras palavras, o patriarcalismo é a base para a disseminação do machismo na sociedade em vigor.

Na charge a seguir a problemática toma outra direção, dessa vez para a marginalização da figura política da mulher.

Figura 4 – Charge de Nani, Programa



Fonte: Disponível em: <https://programa/DkPNf/> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Na quarta figura, o chargista Nani desenha Dilma Rousseff encostada em uma parede de esquina, com uma bolsa na mão rodando, representada como uma garota de programa. A construção discursiva se volta à candidata do PT na eleição presidencial, possuindo como fregueses outros partidos políticos, como o PMDB (atual MDB) e o PDT. De partido para partido, a mulher teria uma posição sexual diferente. Assim, o machismo é compreendido

porque uma mulher estava como a favorita para ganhar a eleição, como se isso só fosse possível se ela tivesse relação sexual em troca de apoio político de homens. Nessa linha de pensamento, a intenção discursiva se direciona a uma tentativa de desmoralizar a imagem e a capacidade de Dilma como mulher num cargo tão elevado como o de presidente de uma república.

É perceptível, na charge, questões a respeito de como as mulheres devem se comportar diante da sociedade. Quando, pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher foi a favorita a ocupar o cargo de presidenta, diversas foram as tentativas de mostrar que ela não era digna para assumir a presidência do país. Além disso, sugere-se que, na representação de prostituta, Dilma não tivesse o direito de escolha dos programas, os quais seriam predeterminados pelos homens. A charge traz consigo, ainda, uma visão preconceituosa para a profissão de garota de programa. Quando o chargista usa a linguagem verbal “O programa quem faz são eles os fregueses: PMDB: barba, cabelo e bigode; PDT: papai e mamãe. E vai por aí...”, o patriarcado se mostra explícito. De acordo com Saffioti (2004),

Neste regime [patriarcado], as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma/mescla de exploração e dominação é aqui entendida como opressão (Saffioti, 2004, p. 105).

Com isso, o patriarcado reforça a inferioridade e a submissão feminina, além de tratar a mulher apenas como objeto para satisfazer as vontades dos homens, seja nos afazeres domésticos, na geração de filhos ou no atendimento aos seus desejos sexuais. Retomando uma das problemáticas da charge anterior, a quinta charge traz uma perspectiva que articula períodos históricos para trazer mais um caso de machismo.

Figura 5 – Charge de Nani, Profissão mais antiga do mundo



Fonte: Disponível em: <https://aprofissãomaisantigadomundolink/iuUhV> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Na quinta figura, Nani desenha uma charge que retrata um homem menosprezando uma prostituta, considerada pela sociedade atual como uma mulher acima do peso, a qual é chamada de mamute. A partir disso, expressa-se a ideia de que essa profissão só é comum para mulheres magras. Esses elementos destacam aspectos machistas presentes nos planos verbal e não verbal da charge. Nessa direção, Tenório (2019) infere que

O machismo se expressa ao estabelecer exigências estéticas que definem o que seria belo, baseado em um modelo de feminilidade, em que se impõe às mulheres uma aparência mais vinculada a um padrão de corpo, cabelo e rejuvenescimento que retroalimentam o consumo exacerbado, sendo lucrativo para o capital. Relaciona-se aos preconceitos vinculados ao racismo, gordofobia e etarismo (Tenório, 2019, p. 15-16).

Nesse sentido, essa ideologia propaga padrões estéticos que devem ser alcançados pelas mulheres para que elas consigam alcançar a beleza ideal predeterminada. Para muitas mulheres, de idades e profissões variadas, a busca pelo corpo perfeito e o julgamento que emerge como consequência disso acarreta violência psicológica, pois o homem começa a reclamar do corpo da mulher e a dizer que ela está acima do peso, afirmando, muitas vezes, que ela está feia.

A última charge da análise empreendida neste trabalho amplia essa problemática acerca do corpo feminino.

Figura 6 – Charge de Nani, As tetas da nação



Fonte: Disponível em: <https://astetasdanação/xKVqi/> / Acesso em 06 de ago. de 2024.

Na última charge, Nani, ao criticar a situação de corrupção que ocorreu no governo brasileiro, aborda os valores altos que foram desviados do dinheiro público, principalmente da empresa Petrobras. Porém, ele se apropria do humor para desenhar uma mulher com os seios

caídos, ou seja, como se tivessem sido sugados. Somado a isso, se refere aos seios com o termo pejorativo “tetras”. Identificam-se elementos do machismo na charge quando se compara a estética corporal da mulher com uma situação que prejudica a situação política do país, deixando, por trás disso, a ideia de que uma mulher que não tem seus seios firmes está sem *valor*.

Além do mais, o chargista retrata a mulher com sua aparência de cabelo curto e sem nenhuma vaidade, desenhando-a em situação de desgaste físico e evidenciando que ela precisa de dinheiro para cuidar da sua aparência. Nessa perspectiva, a charge reforça a necessidade de reflexões que levem em conta o padrão corporal feminino imposto pela sociedade (Volpato; Damião; Miani, 2018). A respeito disso, Volpato, Damião e Miani (2018) explicam que a pressão estética também é considerada uma forma de violência simbólica sofrida pelas mulheres e que tal pressão é sustentada por uma ideia de dominação masculina, oriunda de nossa sociedade patriarcal. Ou seja, se a mulher não estiver dentro do padrão, ela sofre com pressões para alcançá-lo. Essa prática machista acarreta vários danos, tanto para a autoestima, como também para o desenvolvimento psicológico da mulher.

Considerações finais

A partir das considerações que foram apresentadas neste trabalho, pode-se afirmar que algumas charges disseminam o machismo de diferentes formas, o que pode ser fantasiado em decorrência do humor presente no gênero jornalístico charge. Outro fator seria o comportamento naturalizado dessas ideologias machistas, inseridas, frequentemente, no cotidiano. Além do mais, diante das análises, as ideologias machistas mais presentes se voltam para a estrutura biológica feminina, a imposição das atividades a serem realizadas na sociedade, a retratação da mulher como objeto sexual e a imposição do padrão estético são questões presentes no *corpus* analisado.

Dessa forma, os discursos disseminam compreensões que ocasionam a necessidade de as mulheres serem submissas aos homens nos seus ambientes de trabalho e em outros contextos, como também exaltando a desigualdade de gênero. A superioridade dos homens é oriunda de uma sociedade de origem extremamente patriarcal, na qual a mulher deve submissão ao homem e não possui direito de expressar as próprias vontades. Por meio das charges analisadas, vê-se que a mulher tem sido retratada como um grupo inferiorizado, que não deve exercer as mesmas funções que o homem, principalmente no ambiente profissional. Somado a isso, tem-se a

fragilidade como marca das mulheres, que estão sempre dependentes da aprovação ou reprovação dos homens.

Pode-se destacar, ainda, a desvalorização da mulher como objeto sexual, pressionando o padrão estético de beleza, exigindo que elas sejam magras, com cabelos longos, entre outras questões. Nesse sentido, os chargistas Chico e Nani apresentam atos machistas com discursos sarcásticos e humorísticos, utilizados por este gênero para que as mulheres normalizem esses discursos, considerando que eles são fantasiados de brincadeiras para proporcionar diversão.

As mulheres, muitas vezes, não percebem o machismo que está expresso nas charges, já que o lado humorístico retira o foco. Dessa maneira, o trabalho tem, também, como resultado, a necessidade da ampliação de reflexões sobre o machismo nas práticas sociais e discursivas, para que as mulheres tenham conhecimento significativo para identificar essas ideologias, porque os discursos não pregam o machismo somente de forma explícita.

Dessa maneira, é perceptível que as charges também contribuem para a disseminação em massa da desigualdade entre homens e mulheres. Essa proliferação produz diversos casos de violência contra as mulheres, tanto física como psicológica, principalmente no Brasil, país que possui altos índices de violência, decorrente do machismo. Mesmo que o Brasil tenha avançado enquanto república democrática, tendo criado a Lei Maria da Penha, por exemplo, é importante evoluir para combater atitudes machistas que se iniciam nos discursos e depois afetam, com episódios de violência, mulheres de diferentes idades e classes sociais.

Referências

ABRAMSON, K. Turning up the lights on gas-Lighting. *Philosophical Perspectives*, v. 28, p. 1-30, 2014.

ALVARES, C.; FRANCO, A. S. P. O gênero charge: humor e crítica para formação de leitores. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 13, n. 32, 285-306, 2016. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/974>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Orgs.). *Análise de discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018.

CHAGAS, Michele Aparecida; CHAGAS. *Charges sob a ótica da semântica e da pragmática*. Monografia (Graduação em Letras Português/Inglês), Universidade Estadual de Goiás, 2012.

COUTO, M. T.; SCHRAIBER, L. B. Machismo hoje No Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das Mulheres. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (Orgs.). *Mulheres*

Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. p.47-61.

DA SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes; SIMPLICIO, Alberto César. Análise Crítica das Representações da Masculinidade no Brega Funk Pernambucano. *Revista Letra Magna*, v. 19, n. 32, 2023.

DOS SANTOS, Elisabeth Cavalcante; DE ARAÚJO BISPO, Danielle; DOURADO, Débora Paschoal. A utilização da teoria social do discurso de Fairclough nos estudos organizacionais. *Revista interdisciplinar de gestão social*, v. 4, n. 1, 2015. DOI: <https://doi.org/10.9771/23172428riigs.v4i1.8996>.

FAIRCLOUGH, Norman.; MELO, Iran. F. Análise crítica do discurso como método em Pesquisa social científica. *Linha d'água*, v. 25, n. 2, 307-329, 2012. DOI: [10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329](https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329).

FURYAMA, Luani. A.; ANZOLIN, Bárbara.; BARROSO, Fabíola. F. B.; GUTIERREZ, Melissa. J. A naturalização de discursos machistas: reflexões sobre o cotidiano e o enfrentamento da opressão. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 11, n. 1, p.1-27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.v11i1.43948>

GUTMANN, Matthew. O machismo. *Antropolítica*, n. 34, p. 95-120, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2013.0i34.a41518>

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

INSTITUTO AVON. *Pesquisa Instituto Avon/Locomotiva: o papel do homem na desconstrução do machismo*. São Paulo: Instituto Avon, 2016.

LERNER, G. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MAGALHÃES, A. P. *Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o governo Lula: os domínios do interdiscurso*. 2006. 247 f. Dissertação (Mestrado Em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MELO, Iran F. Análise Crítica do Discurso: Modelo de análise linguística e intervenção social. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 3, p. 1335-1346, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1257>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MIRANDA, E. L., LORETO, M. das D. S. de; SOUZA, G. B. P. de. Violência contra a mulher: representações do discurso midiático: Violence against women: representations of media discourse. *Argumentum*, v. 14, n. 3, p. 137–150, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v14i3.35347>.

MOTA, C. Brasil é o 5º país que mais mata mulheres. *Jornal Entrementes*, 14 abr. 2016.

MOUCO, Maria Aparecida T.; GREGÓRIO, M. R. *Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica*. Trabalho final do programa de desenvolvimento da Educação - PDE 2007. Universidade Estadual de Londrina, 2007.

NARVAZ, Martha G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da pres-Crição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, v. 18, n. 1, p. 49-55, Jan/Abr. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.

PEDROSA, Cleide Emília F. *Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem*. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de Charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOIBET, Rachel. *História das Mulheres no Brasil: mulheres pobres e violência no Brasil Urbano*. Editora Unesp Fundação. São Paulo, 2004.

TENÓRIO, Emilly M. *Série: Assistente social no combate ao preconceito – machismo*. CFESS, Brasília: 2019.

VENTURI, Gustavo.; GODINHO, Tatau. (Org.). *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços Público e privado: uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013.

VOLPATO, Alana. N.; DAMIÃO, Nayara. A.; MIANI, Rozinaldo. A. Misoginia no traço: violência contra como pretexto temático em charges. *Revista Ártemis*, vol. XXVI, n. 1, p. 237-254, jul-dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/42102>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Recebido em: 01/09/2024.

Aceito em: 20/04/2025.